



Associação Península Norte de Educação Ciência e Cultura – FACULDADE  
CECAP - Coordenação do Curso de Pedagogia

---

## **O ENSINO DE ARTE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O DESENVOLVIMENTO CRIATIVO DE CRIANÇAS DE DUAS ESCOLAS PARTICULARES DO LAGO NORTE – DF.**

**CAROLINE DA SILVA MÜLLER**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> MsC Maria Ângela dos Reis Silva Tanno**

---

### **ROL DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS**

|        |                                    |
|--------|------------------------------------|
| Apud   | Junto a                            |
| DF     | Distrito Federal                   |
| ed.    | Edição                             |
| Ibidem | Da mesma obra                      |
| In     | Em                                 |
| p.     | Página                             |
| PCN    | Parâmetros Curriculares Nacionais  |
| s.d.   | Sem data                           |
| SEF    | Secretaria de Educação Fundamental |
| s.l.   | Sem local                          |
| s.n.   | Sem nome                           |
| s.p.   | Sem página                         |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o ensino de arte nas séries iniciais do Ensino Fundamental: o desenvolvimento criativo de crianças de duas escolas particulares do Lago Norte – DF. O seu objetivo geral foi compreender como a metodologia adotada no ensino de arte pode influenciar o desenvolvimento criativo da criança, permeando-se pelos objetivos específicos. A problemática da pesquisa centrou-se de que forma a metodologia adotada pelas escolas para o ensino de arte influencia o desenvolvimento criativo da criança que foi o carro-chefe desse estudo. O escopo contou ainda com a elaboração de pressupostos, apresentados na seguinte ordem:

\* Ao aplicar uma metodologia para o ensino de arte, a escola influencia o desenvolvimento do processo criativo das crianças.

\* A partir de suas intervenções, o professor reduz os impactos que inibem a criatividade na criança.

\* Quando desenvolvidas, as atividades criativas no ensino de arte favorecem a autoconfiança das crianças.

Para tanto, principia-se, no Capítulo I, tratando dos aspectos relacionados à abordagem da Arte no Ensino Fundamental segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, do conceito de criatividade em diferentes visões e da relação arte e criatividade, principalmente voltada ao universo infantil. No Capítulo 2, tratando de abordar a metodologia adotada.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se que, na fase inicial da pesquisa foi utilizado o método quantitativo, tendo como método de procedimento um estudo comparativo. Na fase de tratamento de dados, utilizaram-se gráficos dos resultados obtidos na planilha de Excel, seguido de análise e discussão dos mesmos.

Nas diversas fases da Pesquisa, foram acionadas as categorias da Pesquisa Bibliográfica.

## JUSTIFICATIVA

A realização desta pesquisa partiu da motivação e interesse pessoais pelo tema. As oportunidades que foram proporcionadas à pesquisadora desde pequena através da arte, tanto na família quanto na escola, contribuíram significativamente, de forma positiva, para o seu desenvolvimento criativo e, conseqüentemente, para a sua formação como um todo.

Infelizmente, sabe-se que não é esta a realidade comum que se encontra em muitas escolas. Percebe-se, em diversos ambientes escolares, que as oportunidades de criar no ensino de arte cedem lugar para as atividades direcionadas semiprontas, prejudicando assim o desenvolvimento das crianças, uma vez que as experiências estimuladoras da criatividade pressupõem o desenvolvimento das relações e das descobertas pessoais.

Cabe ainda destacar que a importância de se desenvolver esse projeto centra-se no empenho de caráter científico que o trabalho pretende apresentar, haja vista a extensão que se pretende alcançar com a execução do mesmo. Outro aspecto refere-se à relevância social do estudo, uma vez que seus resultados poderão contribuir consideravelmente para uma nova visão do ensino de arte e suas metodologias, especialmente no que se refere ao desenvolvimento criativo da criança.

Surge, daí, a importância de se abordar neste Projeto de Pesquisa o tema criatividade no ensino de arte, por entender que toda criança é dotada naturalmente de potencial criador, mas necessita de incentivos adequados para o seu desenvolvimento.

## CAPITULO I REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo destacam-se os aspectos relacionados à abordagem da Arte no Ensino Fundamental segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, diferentes visões do conceito de criatividade e a relação arte e criatividade, principalmente voltada ao universo infantil.

### 1.1 A ABORDAGEM DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo a Secretaria de Educação Fundamental (1997), na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN, 1997, p. 15)

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (Ibidem, p. 19)

Ao abordar a caracterização da área de Arte, o PCN (1997) destaca que o ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Quando trata da Arte como objeto de conhecimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Ibidem, p. 26) afirmam que, “O universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo”.

Dessa forma, de acordo com a visão do mesmo, entende-se que a manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. O produto da ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas.

Para a SEF (1997),

Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas.

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, idéias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.

“A emoção é movimento, a imaginação dá forma e densidade à experiência de perceber, sentir e pensar, criando imagens internas que se combinam para representar essa experiência” (PCN, 1997, p. 30). Assim, entende-se que a faculdade imaginativa está na raiz de qualquer processo de conhecimento, seja científico, artístico ou técnico. A flexibilidade é o atributo característico da atividade imaginativa, pois é o que permite exercitar inúmeras composições entre imagens, para investigar possibilidades e não apenas reproduzir relações conhecidas.

Segundo o PCN, no caso do conhecimento artístico, o domínio do imaginário é o lugar privilegiado de sua atuação: é no terreno das imagens que a arte realiza sua força comunicativa.

Portanto, a partir dessas referências, situa-se a área de Arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de apropriação de produtos artísticos (que incluem as obras originais e as produções relativas à arte, tais como textos, reproduções, vídeos, gravações, entre outros) quanto o desenvolvimento da competência de configurar significações por meio da realização de formas artísticas. Ou seja, considera-se que,

(...) aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico, visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. (Ibidem, p. 32)

A aprendizagem artística envolve, dessa forma, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que visam à criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano. “Além disso, encarar a arte como produção de significações que se transformam no tempo e no espaço permite contextualizar a época em que se vive na sua relação com as demais” (Ibidem, p. 33).

Cabe destacar aqui os objetivos gerais de Arte para o Ensino Fundamental de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 39), que dizem que,

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

Nesse sentido, segundo o PCN, o ensino de Arte deverá organizar-se de modo que, ao final do Ensino Fundamental, os alunos sejam capazes de:

- expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;

- compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos;
- observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;
- compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista;
- buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias. (PCN, 1997, p. 39)

## 1.2 CONCEITO DE CRIATIVIDADE

No glossário de seu livro, Edwards (1987, p. 217) considera que criatividade é “A capacidade de encontrar novas soluções para um problema ou novas formas de expressão; o ato de dar existência a algo novo para o indivíduo”.

Ao tratar a respeito do universo da criatividade, Haetinger (2005) aborda a criatividade como a capacidade humana de gerar novas idéias ou ações. Ele afirma que essa capacidade independe do nível ou classe social, mas depende do meio no qual o sujeito está inserido. Esse conceito pode ser melhor entendido a partir das quatro categorias definidas por Rodhes (Apud: KNELLER, 1978, [s.p.]), que destaca que,

1. Do ponto de vista da pessoa que está criando, a ação criativa é fisiológica e tem como base os temperamentos humanos, os hábitos e as atitudes criativas.
2. Os processos mentais criativos englobam a percepção, a motivação, o pensamento, a aprendizagem e a comunicação.
3. A criatividade está associada às relações entre homens e aos fatores ambientais e culturais. Portanto, é fruto da interação entre homens/objetos/meio.
4. A criatividade pode ser definida em virtude de seus produtos: pinturas, conceitos, teorias, invenções, esculturas, poemas, filmes, etc. Mas estas são as formas estereotipadas das ações criativas.

Kneller (1978) lembra ainda que as distintas definições de criatividade estão sempre relacionadas ao conceito de *novidade* ou *inovação*. Assim, a ação criativa é a própria essência da transformação e das mudanças, tanto exteriores ao ser, quanto internas. Mas também é possível compreender a criatividade como a base do

ato de liberdade, ou melhor, da ação libertadora, pois a criação associa-se à formação do senso crítico.

Segundo Haetinger (2005, p. 134), “A criatividade está presente em cada um de nós. Todos temos a mesma capacidade criadora”. Mas ele argumenta que essa capacidade é potencializada ou minimizada de acordo com nossas interações com o meio cultural, o qual pode ou não oferecer estímulos às atitudes e aos atos criativos. O autor complementa ainda que, o que potencializa a criatividade são as nossas vivências. Em seu livro destaca que, “Criatividade – Capacidade criadora, inventividade, capacidade de gerar novas idéias. Associada a vivências e meio ao qual o indivíduo está inserido” (Ibidem, p. 15).

Analisando os processos criativos, Haetinger (2005) aponta que estes estão relacionados à inteligência e, mais especificamente, que eles se originam nos pensamentos divergentes.

Nosso intelecto abrange o pensamento (uma idéia em si) e o seu “backup”, ou seja, a memória que armazena experiências, informações e conceitos registrados desde a vida intra-uterina. O pensamento abrange a cognição (o entendimento de uma idéia), a produção (idéia global e sua execução prática), e a avaliação (a qual reúne parâmetros críticos que influenciam em nossa auto-imagem e auto-estima). (Ibidem, p. 135)

O mesmo autor continua, ressaltando que a produção intelectual é feita por meio de pensamentos convergentes e divergentes. Haetinger (2005, p. 135) considera que, “Pensamento convergente é o pensamento direto, é a saída lógica e padrão para os problemas com os quais nos deparamos. Já o pensamento divergente ou lateral é um modo único e criativo de pensar”. Ele explica que a criatividade surge justamente no âmbito do pensamento divergente e se desenvolve a cada vez que procuramos saídas alternativas e inovadoras para determinadas ações.

Ainda nesta mesma linha de considerações, o autor conclui que,

O pensamento divergente, a criatividade e o senso crítico estão associados sob a forma de um triângulo equilátero (todos os lados são iguais e de igual responsabilidade com o todo). Assim, a criatividade só se aprimora quando exploramos nosso pensamento lateral e senso crítico simultaneamente. Portanto, ser criativo requer o discernimento da realidade e daquilo que é importante para cada um de nós. Também é preciso olhar o mundo a nossa volta com muito interesse e curiosidade, levantando novas idéias e possibilidades. (Ibidem, p. 136)

Para Masi (2003, p. 699), “Criar, de fato, significa iluminar aquilo que antes estava escuro, dar forma àquilo que antes era caótico, gerar aquilo que nunca antes havia sido criado nem gerado, antecipar o futuro, produzir o porvir”.

Ao referir-se a tal assunto, Masi (2003) avalia aspectos da criatividade. Entre os mais significativos estão que a criatividade, segundo o seu ponto de vista, é surpreendente, pois responde ao desejo de ir além do insólito, de surpreender-se e de surpreender, dando expansão ao eros, aos instintos que impelem a fugir aos limites impostos pelo pensamento consciente, secundário, lógico e dedutivo. E completa que, “Proceder somente segundo a razão, como a sociedade industrial nos induziu a fazer, não é uma conquista, mas uma redução, porque nos castra da emotividade”. (Ibidem, p. 703)

Outro aspecto levantado por Masi (2003) seria que a criatividade é duplamente universal. O autor entende que é universal porque a alegria de criar é dada a todos, uma vez que todos criam, ainda que nem todos cheguem a fazer obras-primas, a elaborar novos paradigmas, a inventar instrumentos revolucionários ou a descobrir novos mundos.

Mas a criatividade é universal também porque ninguém cria do nada, cada um utiliza os materiais depositados em seu próprio inconsciente. E, uma vez que o inconsciente é universal, as obras realizadas por um criativo despertam sintonias e ressonâncias também em outros. Na maior parte dos casos, o criativo experimenta prazer tanto em criar uma obra surpreendente como em constatar que ela provoca nos outros uma surpresa análoga à sua própria. (Ibidem, p. 703)

O mesmo autor continua, apontando que a criatividade também é doadora de paz. Considera que, “É terapêutica, porque ajuda a esquecer outros problemas, a aplacar outras tensões, a sublimar pulsões destrutivas, a reduzir a sensação de inutilidade, mediocridade, isolamento, a fugir da monotonia cotidiana e das preocupações imediatas” (Ibidem, p. 704). E acrescenta também que, outras vezes, ao contrário, os processos criativos conseguem distrair, divertir, isolar do mundo hostil, separar da banalidade.

Masi (2003) finaliza seu livro enfatizando que a criatividade é impertinente e suave, como descrito no último parágrafo a seguir.

A lição talvez mais autêntica que levo dessa longa viagem pela criatividade é que ela não tem regras: nasce indiferentemente em almas precoces ou senis, cultas ou primitivas, e pode assumir as formas mais diversas, às vezes tempestuosas, às vezes aplacadas, às vezes aparentemente simples, às vezes supostamente complexas. A sua força está na surpresa da sua multiplicidade, das suas infinitas e imprevisíveis direções. (Ibidem, p. 705)

Também Hallawell (1994, p. 51), ao analisar o processo criativo a partir da arte, destaca que, “Em primeiro lugar, para ter idéias é preciso pensar”. No entanto, o autor considera que muitas pessoas ignoram essa obviedade, porque a preguiça mental assola o homem moderno, acostumado às idéias padronizadas. Segundo ele, a liberdade de poder pensar o que e como quiser pode assustar, por causa desse condicionamento intelectual.

Portanto, o primeiro passo é criar uma atitude crítica em relação à realidade à sua volta. Questione tudo, inclusive a si mesmo ou especialmente a si mesmo! Pergunte-se o que o interessa, do que você gosta, o que o preocupa e por quê. Desenhe criticamente, pensando, questionando seus sentimentos, suas emoções e suas reações, e, aos poucos, as idéias surgirão. (Ibidem, p. 51)

A exemplo de Haetinger (2005), Hallawell (1994, p. 52) acredita que, “A realidade de cada pessoa é moldada pela sua cultura, educação, experiência e personalidade, e é por isso que a realidade de cada pessoa é única”.

O autor acrescenta ainda que, “É preciso ter consciência de que o pensamento humano é um processo contínuo, e que as idéias de hoje são uma consequência das idéias do passado. O pensamento criativo é evolutivo, dotado de *insights*, mas nunca é totalmente novo” (Ibidem, p. 52). E completa dizendo que, “Devemos estar sempre cientes de que estamos criando interpretações da realidade, e não a realidade propriamente dita” (Ibidem, p. 56).

Hallawell (1994) caracteriza o processo criativo enfatizando que toda obra de arte, seja ela visual ou de qualquer outra expressão, evolui da mesma forma, em quatro estágios: concepção, materialização, interpretação e re-interpretação. Dessa forma, primeiro a idéia é concebida, depois materializada, para ser interpretada em seguida. O processo criativo só se completa quando a obra é re-interpretada pelo espectador.

Enriquecendo um pouco mais a compreensão sobre o assunto, cabe citar ainda, entre tantos outros existentes, mais alguns conceitos de criatividade, como

por exemplo, que, “Criatividade é encontrar soluções onde todos só vêem problemas, encontrar meios onde todos só vêem escassez, encontrar um sorriso onde os outros só vêem tristeza” (FABIO, 2000, [s.p.]). Ou que, “Criatividade é um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações ou realizações, não necessitando ser, prioritariamente, um fenômeno ímpar no mundo, mas deve ser basicamente, uma contribuição do indivíduo” (LOWENFELD & BRITAIN, 1977, [s.p.]). Também Rogers (1978, [s.p.]), que afirma que, “Criatividade é a emergência na ação de um produto relacional que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas e circunstâncias de sua vida, por outro”.

Criatividade é o processo de apresentar um problema à mente com clareza (ou seja, imaginando-o, visualizando-o, superpondo-o, meditando, contemplando, etc), e logo originar ou inventar uma idéia, conceito, noção ou esquema segundo linhas novas ou não convencionais; supõe estudo e reflexão mais do que ação. A criatividade resulta da combinação de processos ou atributos que são novos para o criador. (VERVALIN, 1980, [s.p.])

Criatividade é o processo de fazer e comunicar conexões significativas e novas para nos ajudar a pensar muitas possibilidades; para nos ajudar a pensar e experienciar de várias formas, usando diferentes pontos de vista; para nos ajudar a pensar novas e inusitadas possibilidades; e para nos guiar no processo de gerar e selecionar alternativas. (ISAKSEN & TREFFINGER, 1985, [s.p.])

Criatividade é um atributo dos sistemas sociais que fazem julgamento sobre os indivíduos. A criatividade é o produto da interação entre três subsistemas: o domínio, a pessoa e o campo. O domínio representa a cultura onde um determinado comportamento tem lugar. O campo é composto por indivíduos que conhecem as regras do domínio e que decidem se o desempenho do indivíduo é criativo ou não. A pessoa é o indivíduo que assimilou as regras do domínio, encontrando-se pronto para imprimir no campo suas variações individuais. (CZIKSZENTMIHALYI, 1988, [s.p.])

### **1.3 ARTE E CRIATIVIDADE**

De início é interessante destacar o pensamento de Edwards (1987), que ao escrever sobre o seu método de como desenhar com o lado direito do cérebro e explorar a criatividade, afirma que todo indivíduo é dotado de potencial criativo para exprimir-se através do desenho e seu objetivo é proporcionar-lhe os meios de liberar esse potencial, de ter acesso, a um nível consciente, à sua capacidade inventiva,

intuitiva e imaginativa – capacidade esta que talvez tenha permanecido dormente e inexplorada em decorrência de nossa cultura verbal e tecnológica e nosso sistema educacional.

A autora entende que, ao desenhar, a pessoa recorrerá intensamente a uma parte de seu cérebro que é quase sempre obscurecida pelos intermináveis detalhes do cotidiano, que a partir desta experiência de explorar a criatividade, o indivíduo desenvolverá a capacidade de perceber as coisas de uma maneira nova, em sua totalidade, de descobrir configurações e possibilidades ocultas para novas combinações. “Soluções criativas para problemas pessoais ou profissionais tornar-se-ão acessíveis através de novas maneiras de pensar e novas formas de utilizar todo o poder do seu cérebro” (EDWARDS, 1987, p. 16).

O potencial do lado criativo e imaginativo do seu cérebro é quase ilimitado; e, através do desenho, você pode vir a conhecer esse potencial e fazer com que os outros o conheçam. Através do desenho, *you* se torna visível. Como disse o pintor alemão Albrecht Dürer: “O tesouro que você juntou secretamente em seu coração se tornará evidente em seu trabalho criativo”. (Ibidem, p. 17)

Quando o artista está vivo em qualquer pessoa, qualquer que seja o seu tipo de trabalho, ela se torna uma criatura inventiva, pesquisadora, ousada e expressiva. Torna-se interessante aos olhos de outras pessoas. Perturba, agita, esclarece e abre o caminho para uma melhor compreensão. Quando aqueles que não são artistas estão procurando fechar o livro, ele o abre e mostra que ainda há um grande número de páginas possíveis. Robert Henri (In: Ibidem, p. 17)

Para Edwards (1987), conquistando acesso àquela parte do cérebro que funciona de maneira conducente ao pensamento criativo e intuitivo, aprendemos aquilo que é fundamental às artes visuais: como pôr no papel o que vemos diante de nossos olhos. Depois, adquirimos a habilidade de pensar de forma mais criativa em outras atividades.

Jerome Bruner (In: Ibidem, p. 27), nos diz que, “Há algo de extravagante no ato de criar, embora a tarefa seja séria. E é igualmente extravagante escrever a respeito desse ato pois, se há um processo silencioso, é o processo criativo. Extravagante, sério e silencioso”.

Já Arthur Koestler (In: Ibidem, p. 38), considera que, “Todo ato criativo requer... uma nova inocência de percepção, livre da catarata da crença tradicional”.

Segundo Edwards (1987), uma pessoa criativa é aquela capaz de processar, sob novas formas, as informações de que dispõe – os dados sensoriais comuns acessíveis a todos nós. O escritor precisa de palavras, o músico precisa de notas, o artista precisa de percepções visuais e todos precisam de certo conhecimento das técnicas de sua arte. Mas o indivíduo criativo percebe intuitivamente possibilidades de transformar dados comuns em uma nova criação que transcende a mera matéria-prima.

Haetinger (2005), ao focar seu trabalho no universo criativo infantil, identifica que, o caráter questionador que marca a nova geração demonstra um alto grau de criatividade que norteia o seu senso crítico e aproveita essa colocação para ressaltar a importância da criatividade ao longo da vida humana.

Esta afirmação determina duas coisas: a primeira, que é preciso trabalhar a criatividade desde cedo para ampliar sua ação no pensamento humano. A segunda, que o jovem criativo que tenha verdadeiramente desenvolvido o seu senso crítico poderá manter sua criatividade crescendo mesmo na idade adulta. (HAETINGER, 2005, p. 15)

A música e a dança como modalidades do ensino de Arte são apontadas por Haetinger (2005), em seu trabalho, quando o autor menciona a música associada à dança no contexto escolar. “É por meio desse tipo de prática que inserimos a dança no universo da criança. Então, parece-nos evidente a exploração desse estímulo quando buscamos facilitar o desenvolvimento das capacidades motoras e da criatividade de nossas crianças”. (Ibidem, p. 50)

A dança é uma das formas de expressão fundamentais para o desenvolvimento psicomotor. Isso porque, quando alguém dança, está necessariamente controlando e coordenando seus movimentos corporais associados ao pensamento. O resultado desta atividade é o exercício físico e mental relacionado ao prazer e a alegria.

O mesmo autor enfatiza que, na escola, podemos trabalhar com vários tipos de dança e entre eles, a Dança Criativa.

A dança criativa está presente em muitas circunstâncias da realidade escolar. As próprias crianças, em suas brincadeiras no pátio da escola, inventam “coreografias” e dançam as músicas da moda ao seu jeito. Naquele momento, elas estão dançando livremente e explorando sua criatividade. A observação do universo infantil é sempre a maior fonte de dados para um educador consciente de sua função. (Ibidem, p. 50)

Segundo Haetinger, a dança criativa é uma dança não coreográfica, realizada a partir de estímulos sonoros (música e/ou ruídos). Ao praticá-la, a dança cria movimentos livremente ou a partir da provocação de um mediador. Deste modo, a dança criativa parte de uma brincadeira infantil e se manifesta quando a criança usa seu próprio corpo para brincar e se movimentar ao ritmo de uma música ou som.

“Nos ambientes de educação, o educador pode trabalhar a dança criativa provocando reações e interpretações por parte das crianças. Através de brincadeiras que envolvem situações e sons específicos, o professor estimula a criança a dançar e usar sua imaginação”. (Ibidem, p. 51)

De acordo com Marques (2003), a dança criativa “sugere que as aulas de dança devem permitir e incentivar os alunos a experimentar, explorar, expandir, colocar seu eu no processo de configurações de gestos e movimentos” (Ibidem, p. 140).

Haetinger (2005) também menciona o teatro, outra modalidade do ensino de Arte, como atividade estimuladora da criatividade infantil. O autor reforça que, na educação, a motricidade relaciona-se intensamente com a expressão dramática, pois, quando a criança está desenvolvendo suas habilidades, ela conjuga ações com seu corpo, sua imaginação, seu poder de imitação e de representação. Estas práticas consistem em formas de expressão fundamentais para seu desenvolvimento.

É brincando de faz de conta, imitando gestos e expressões faciais e representando situações que a criança explora sua imaginação e expressão corporal. O poder imaginativo da criança faz com que ela crie e recrie constantemente o seu universo, traçando relações entre a realidade e a fantasia. (Ibidem, p. 57)

Para Haetinger (2005), este elo de ligação entre o real e o imaginário é muito importante para as vivências infantis. Como faz notar um renomado pesquisador da expressão dramática na infância e no universo escolar, que afirma que, “o jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos” (SLADE, 1978, p. 17).

Do mesmo modo, Haetinger (2005) salienta que, “É neste tipo de atividade que a criança se expressa espontaneamente. Por meio do jogo dramático, ela

inventa, pensa, lembra, ousa, experimenta, comprova, relaxa e faz relações com o mundo que a cerca”. (Ibidem, p. 58)

A expressão dramática deve ser valorizada e correlacionada com as atividades de desenvolvimento infantil. Isto pode ser feito, por exemplo, quando se propõe caminhadas imaginativas ou brincadeiras com fantoches e máscaras. Todos os jogos que trabalham com a fantasia são importantíssimos às descobertas infantis.

Ao destacarmos a expressão dramática na educação, proporcionamos meios para a criança vivenciar diferentes papéis e ampliar sua imaginação e criatividade de modo prazeroso e alegre. E, indo além do momento presente, oportunizamos que ela se torne futuramente um adulto com iniciativa e autonomia. (HAETINGER, 2005, p. 59)

Na opinião de Gesteira (1996, p. 46), ao referir-se sobre a prática do teatro na escola enfatiza que, “Os educadores podem inserir o teatro de bonecos na escola, estimulando a criatividade e a poesia, aguçando o senso crítico dos alunos, espelhando a realidade e tornando-a, desse modo, passível de transformações, a partir da influência artística”.

A propósito, Haetinger (2005) explica que, quando se propõe um jogo, além dos objetivos cognitivos a serem alcançados, espera-se que as crianças sejam capazes, entre outras coisas, de criar e explorar a criatividade, uma vez que o jogo proporciona o desenvolvimento do pensamento criativo e divergente, gerados pela criatividade. Desse modo, os alunos podem inovar e descobrir formas para se relacionar com a aprendizagem.

Portanto, os jogos artísticos, como o próprio nome diz, são aqueles que operam com as competências artísticas. Entre eles, destacam-se as atividades de artes plásticas como desenhos, gravuras, recortes, colagens, maquetes, móveis, trabalhos com tintas, esculturas, massa de modelar, dobraduras, quadros, mosaicos, máscaras, vitrais, entre outras; as atividades teatrais são os jogos dramáticos, peças, dramatizações, improvisações teatrais, fantoches, mímicas, teatro de sombras, etc.; as musicais são montagens de instrumentos, ritmos, canto, composição, paródias, coral, dicção; e a dança, em todos os seus gêneros e de todas as épocas, atividades de expressão corporal, de ritmo e movimento, faz parte dos jogos expressivos.

No contexto escolar, Haetinger (2005) acredita que a criatividade pode transformar a relação do sujeito com o conhecimento.

As atitudes e as ações criativas correspondem a meios para a compreensão e alteração da realidade. Todo ato criativo expressa a percepção que alguém tem do mundo, de uma idéia ou situação. O indivíduo necessariamente usa o seu entendimento da dimensão real para criar algo novo. (Ibidem, p. 128)

Ainda nesta mesma linha de considerações, Haetinger (2005) diz que a criatividade potencializa a imaginação humana e, conseqüentemente, modifica o método pelo qual as pessoas lidam com a informação e o processamento da mesma. A importância da criatividade como método é ressaltada por Rogers na seguinte afirmação: “a sobrevivência dos povos depende da capacidade criadora do homem” (Apud: KNELLER, 1978, p. 19).

Em outras palavras, Haetinger (2005, p. 132) menciona que,

O processo criativo está intimamente relacionado ao exercício da imaginação. Os jogos e brincadeiras que estimulam a auto-expressão, a descoberta e o poder de imaginação exploram a criatividade e permitem que alunos e professores se expressem de modo global e potencializem suas habilidades e capacidades. Também ao desenvolver sua própria criatividade, o educador passa a compreendê-la e adquire parâmetros para proporcionar experiências criativas aos seus educandos.

Quando aborda a importância da expressão criativa para a educação, Haetinger (2005) identifica que um dos instrumentos da atividade criativa é a inter-relação entre as pessoas. Quando trabalhamos em grupo, a imaginação e a curiosidade de cada participante é ressaltada e compartilhada. E quem consegue se expressar junto aos outros, se adapta melhor às circunstâncias e à troca de experiências.

Por isso é muito importante que se possibilite vivências coletivas na escola. Elas oportunizam que o educando revele-se aos outros e a si mesmo. Através da expressão criativa em grupo, o aluno conta com um meio de expressão espontânea e reformula constantemente seus pensamentos, o que possibilita novas atitudes e idéias. (Ibidem, p. 133)

Segundo o mesmo autor, dentro do universo escolar, a prática de atividades criativas leva professores e alunos a compreender e aceitar as formas e os padrões

de comportamento pessoal e social; a ter autoconfiança; a resolver situações inéditas, aplicando conhecimentos e habilidades adquiridas anteriormente; a analisar, avaliar e reavaliar seu comportamento como indivíduos de um grupo.

Haetinger (2005, p. 137) sustenta que, “Em virtude desses fatores, é muito importante proporcionarmos experiências criativas aos alunos”. A exemplo de Kneller (1978), que enfatiza que a criação associa-se à formação do senso crítico, Haetinger também reforça que, “As práticas que associam arte, elementos lúdicos, movimento e vivências coletivas contribuem com a criatividade e com o desenvolvimento do senso crítico”. (Ibidem, p. 137)

De acordo com o mesmo autor, todo tipo de atividade criativa só acontece em um ambiente de liberdade, no qual todos têm as condições ideais para se expressar autenticamente, sem restrições ou imposições. Sobre esse aspecto o autor também destaca a postura da escola frente ao processo de desenvolvimento da criatividade.

De fato, “Aos educadores cabe lembrar: a criança não aprende nem cria por imitação”. (Ibidem, p. 137)

Promover práticas criativas não significa estabelecer regras para a realização de brincadeiras ou tarefas. Você pode colaborar com o processo criativo de seus educandos oferecendo um ambiente de aceitação, integração e liberdade, deixando-os realizar livremente suas atividades e brincadeiras e permitindo que eles sempre expressem sua imaginação e o seu próprio mundo de faz de conta. (Ibidem, p. 137)

Por fim, ainda referindo-se aos educadores, Haetinger (2005, p. 138) conclui que,

Sua função é organizar o meio, os recursos e os instrumentos didáticos para a criação; é criar um ambiente favorável em que a criança sinta-se segura e acolhida para atuar; é estimular a expressão da subjetividade dos alunos, sem indicar-lhes possíveis erros ou o melhor modo de fazer as coisas. Eles descobrirão por si próprios, explorando objetos e vivendo diferentes situações.

Também Machado [s.d.], ao analisar o papel do professor de Arte, alude que o educador é extremamente importante nesse processo, pois é ele que está sempre presente, observando o desenvolvimento de cada criança, orientando-o e direcionando-o.

Na opinião de Lowenfeld & Brittain (Apud: MACHADO, [s.d.]), o professor deve ter sempre em mente que não se deve impor padrões e regras a serem seguidos, estabelecer algo supostamente correto, “bonito” ou “feio”. “Essas seriam restrições à capacidade criadora e, conseqüentemente, inibiriam a expressão individual da criança e sua auto-afirmação”. E continua, “É preciso ajudar as crianças a desenvolver a confiança na auto-afirmação, propiciada pela expressão artística”. (Ibidem, [s.p.]

No ponto de vista de Machado [s.d.], em seu artigo sobre o desenho infantil – o desenvolvimento da criatividade e da percepção visual – a autora argumenta que,

O desenho infantil deve ser estimulado não com a intenção de ensinar as técnicas para as crianças, mas pelo fato de este ser um importante processo de aprendizagem. É a oportunidade dela se expressar, de expor de forma concreta seus pensamentos e sentimentos. À medida que a criança desenha, ela aprende, pois assim ela organiza e concretiza seus pensamentos. Ao mesmo tempo em que lhe dá autoconfiança por estar construindo e se expressando livremente.

Na visão da mesma autora, a criatividade infantil tem origem e reflexo no próprio desenho. A partir dele a criança aumenta sua percepção e isso desenvolve sua criatividade, que vai se refletir no próprio desenho.

A respeito disso, Machado [s.d.] conclui que,

Sabemos que a importância da criatividade vai muito além do próprio desenho. É das idéias mais inusitadas e criativas que nascem as grandes idéias que vão melhorar a nossa sociedade e gerar melhores condições de vida, com mais conforto e eficiência. Por isso devemos quebrar as barreiras que nos foram impostas desde a nossa infância. Não devemos inibir nossas idéias diferentes, nossa livre-expressão. Maior será a criatividade de um projeto quanto mais pura for a expressão pessoal, livre das barreiras. Somos todos diferentes uns dos outros. Não pensamos e, principalmente, não nos expressamos da mesma forma. Devemos aceitar essas diferenças e enfatizá-las, a fim de realizar um trabalho mais autêntico.

Para Hohl (2003), ao tratar sobre o desenvolvimento da criatividade infantil, as crianças criativas precisam, antes de mais nada, ter o valor dos seus talentos reconhecidos, dando-lhes condições para lidar com as provações e fracassos que surgirão naturalmente ao longo da vida. O autor avalia que, “se tiverem encorajamento e permissão para explorar, experimentar e testar suas idéias através de projetos de sua própria iniciativa, assumindo responsabilidades, encontrarão provações e fracassos, podendo enfrentá-los sem dificuldade”.

O processo criativo deve desenvolver as potencialidades das crianças, utilizando os recursos que favorecem não só a aquisição de conhecimento, mas sobretudo, a expansão e a afirmação da personalidade do educando, podendo ser desenvolvida capacidade criadora e canalizada para as diversas atividades e setores da realização pessoal. (Ibidem, [s.p.]

Cabe citar Barroso, Borges & Silva (1996, p. 16), que ao escreverem o artigo Arte sem graça, a respeito de que o uso de modelos prontos no ensino de Arte empobrece a imaginação da criança, destacam que, “A prática de dar figuras para colorir ou desenhos para copiar não estimula a criatividade da criança. Pior, inibe sua capacidade de expressão e lhe indica um caminho fácil (e pobre) da criação: repetir fórmulas conhecidas”. E continuam, dizendo que, “O questionamento, a indagação, a compreensão da pesquisa, eis o caminho da criação. Devem-se propiciar condições para que os alunos criem. Massificar não educa, porque esse processo implica em respostas prontas”. (Ibidem, p. 16)

As mesmas autoras alertam que, “Os professores devem expressar o desejo de mudar a sociedade por meio de uma pedagogia orientada para a criatividade”. (Ibidem, p. 19)

## **CAPÍTULO II REFERENCIAL METODOLÓGICO**

### **2.1 Os Métodos Empregados na Pesquisa**

O presente projeto terá como método de abordagem uma pesquisa quantitativa. De acordo com Martins (2006, p. 39),

Quando da tarefa de coleta dos dados, diversas são as variáveis que, em um estudo, devem ser observadas. Dois tipos principais, quanto a sua natureza, podem ser verificados pelo pesquisador: variáveis quantitativas e variáveis qualitativas. As quantitativas são aquelas que envolvem algum caráter numérico.

A propósito, Günther (2006, [s.p.]) utiliza-se da seguinte argumentação que,

Difícilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas. O que tal pesquisador defende é que a maneira de chegar a tal compreensão é por meio de explicações ou compreensões das relações entre variáveis. Segundo, sem dúvida, pode-se conceber as múltiplas atividades que compõem o processo de pesquisa como um ato social de construção de conhecimento.

O estudo contará ainda com método de procedimento de um estudo comparativo. Na visão de Lakatos (Apud: Lakatos, 2000, p. 92), ao abordar o método comparativo, alega que,

Considerando que o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento.

### **2.2 Os Sujeitos da pesquisa**

O trabalho em questão pretende estudar uma amostra de 50 sujeitos de uma população de aproximadamente 600 indivíduos. Os sujeitos a serem estudados

apresentam-se com idades variando entre seis a oito anos de idade, sendo de ambos os sexos.

Pretende-se ainda, dentro desta amostra, estudar os professores (as) das turmas pesquisadas.

Conforme Gil (1991, p. 112),

É necessário selecionar os sujeitos. Esta tarefa é de fundamental importância, visto que a pesquisa tem por objetivo generalizar os resultados obtidos para a população da qual os sujeitos pesquisados constituem uma amostra. De modo geral, população significa o número total de elementos de uma classe.

### **2.3 Local da Pesquisa**

Os locais pretendidos para a realização do referido estudo tratam-se de duas escolas particulares, sendo que, a escola A, apresenta, dentro de suas características físicas, ambiente amplo e agradável, possuindo diferentes salas, devidamente equipadas, próprias para o ensino de arte, o que contribui de forma significativa para o desenvolvimento das atividades propostas. Já a escola B, apesar de contar com amplo espaço físico não possui os mesmos recursos da escola A, disponibilizando para o ensino de arte apenas um ambiente específico, relativamente pequeno, fazendo com que muitas das atividades artísticas propostas tenham de ser realizadas na própria sala de aula.

Segundo o mesmo autor, ao abordar o Lócus da pesquisa, afirma que, “Os sujeitos de um experimento desenvolvem suas ações em determinado ambiente. Este ambiente deverá, portanto, proporcionar as condições para que se possa manipular a variável independente e verificar seus efeitos nos sujeitos” (GIL, 1991, p. 113).

### **2.4 Instrumentos da Pesquisa**

Os instrumentos que serão utilizados na pesquisa tratam-se de um questionário fechado para as crianças e um questionário de múltipla escolha para os professores (as).

Para Martins (2006, p. 36),

O questionário é um importante e popular instrumento de coleta de dados para uma pesquisa social. Constitui-se de uma lista ordenada de perguntas que são encaminhadas para potenciais informantes, selecionados previamente. O questionário tem que ser respondido por escrito e, geralmente, sem a presença do pesquisador. (...) Trata-se de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever.

O mesmo autor ressalta, quando se refere aos tipos de perguntas de um questionário, que as questões fechadas dicotômicas são aquelas que uma pergunta possui apenas duas respostas possíveis e as questões fechadas de múltipla escolha são aquelas que uma pergunta possui várias alternativas de resposta.

Vale notar a contribuição de Cervo & Bervian (1996, p. 138), que destacam que, “Perguntas fechadas destinam-se a obter respostas mais precisas. (...) As perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, fáceis de codificar e analisar”.

A pesquisa contará ainda com quatro observações não-participantes, com a finalidade de confrontar a fala dos sujeitos com suas ações na prática docente.

Sobre a observação não-participante, Lakatos (2003, p. 193), afirma que,

Na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente; dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático. Alguns autores dão a designação de observação passiva, sendo o pesquisador apenas um elemento a mais.

## 2.5 O Tratamento dos dados

O tratamento das informações obtidas em campo se dará por meio de confronto entre a fala dos sujeitos entrevistados e suas ações. Para tanto, serão utilizados gráficos dos resultados obtidos na planilha de Excel, seguido de análise e discussão dos dados.

De acordo com Cervo & Bervian (1996, p. 142), “Os gráficos apresentam as mais variadas formas: colunas, barras, círculos, figuras, curvas ou logarítmicas. Dentre os gráficos, têm mais ampla utilização as curvas aritméticas e as colunas”.

Isto vem ao encontro de Lakatos (2003, p. 170), que considera que,

Gráficos são figuras que servem para a representação dos dados. O termo é usado para grande variedade de ilustrações: gráficos, esquemas, mapas, diagramas, desenhos etc. Os gráficos, utilizados com habilidade, podem evidenciar aspectos visuais dos dados, de forma clara e de fácil compreensão. Em geral, são empregados para dar destaque a certas relações significativas. A representação dos resultados estatísticos com elementos geométricos permite uma descrição imediata do fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, M. M.; BORGES, R. M. A.; SILVA, H. C. **Arte sem graça**. Coletânea Amae Arte e Movimento. Belo Horizonte, Edição Especial, p. 16-19, jun. 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC; SEF, 1997.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CZIKSZENTMIHALYI, 1988. In: [s.n.] **Algumas definições de criatividade**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/crearbr/>>. Acesso em: mai. 2009.

EDWARDS, B. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. São Paulo: Ediouro, 1987.

FABIO, 2000. In: [s.n.] **Algumas definições de criatividade**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/crearbr/>>. Acesso em: mai. 2009.

GESTEIRA, M. M. **Quando a escola é um palco**. Coletânea Amae Arte e Movimento. Belo Horizonte, Edição Especial, p. 46-51, jun. 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai-ago 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: jun. 2009.

HAETINGER, M. G. **O universo criativo da criança na educação**. [s.l.]: Instituto Criar, 2005.

HALLAWELL, P. **À mão livre: a linguagem do desenho**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

HOHL, T. **Desenvolvimento da criatividade infantil**. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=193&rv=Literatura>>. Acesso em: mai. 2009.

ISAKSEN & TREFFINGER, 1985. In: [s.n.] **Algumas definições de criatividade**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/crearbr/>>. Acesso em: mai. 2009.

KNELLER, G. F. **Arte e ciência da criatividade**. 5. ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, F. M. **O desenho infantil: o desenvolvimento da criatividade e da percepção visual**. Disponível em: <[http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos\\_downloads/37.pdf](http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/37.pdf)>. Acesso em: mai. 2009.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, G. A. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MASI, D. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ROGERS, 1978. In: [s.n.] **Algumas definições de criatividade**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/crearbr/>>. Acesso em: mai. 2009.

SLADE, P. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

VERVALIN, 1980. In: [s.n.] **Algumas definições de criatividade**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/crearbr/>>. Acesso em: mai. 2009.